



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 10, NÚMERO 6 | JUL. 2021
EDIÇÃO ESPECIAL DOS 10 ANOS
<https://doi.org/10.47295/mren.v10i6.3731>

ESCREVIVÊNCIA E O RESGATE DA VOZ ANCESTRAL EM *MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO



“ESCREVIVÊNCIA” AND THE RESCUE OF THE ANCESTRAL VOICE IN *MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS*, OF CONCEIÇÃO EVARISTO

CAROLINE NERES DE ANDRADE

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 31/07/2021 • APROVADO EM 13/08/2021

Abstract

This work has for object of study the tale *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* (2016), by Conceição Evaristo. From the tale, we will approach the questions referring to the abuses suffered by the narrator-character Maria do Rosário. The tale is made through the discourse of the narrator-character, a black woman, who through her discourse breaks the barriers imposed on her by the silencing. From the perspective of resignification of the her (re)existence, the character builds self-awareness. From this resumption of awareness, we will build an expanded articulation to the struggle of black women in the face of structural racism and sexism intertwined in a social, class, gender, sexual and racial panorama. To compose the reflexive critical methodology, we will use the theoretical references of Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Angela Davis and other black theorists. This work then highlights the issues of identity, power relations, silencing, infanticide, racism, black women's loneliness, as well as, in a contrasting plan, presents the black feminist struggle and the education as an instrument of (re)existence and emancipation.

Resumo

Este trabalho tem por objeto de estudo o conto *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* (2016), de Conceição Evaristo. A partir do conto, abordaremos as questões referentes as marcas dos abusos sofridos pela narradora-personagem Maria do Rosário. O conto se faz pelo discurso da narradora-personagem, mulher negra, que através do discurso rompe as barreiras que lhe foram impostas pelo silenciamento. Na ótica de resignificação de sua (re)existência, a personagem vai construindo consciência de si. A partir dessa retomada de consciência, iremos construir uma articulação ampliada à luta das mulheres negras defronte ao racismo e ao sexismo estruturais entrelaçados num panorama social, de classe, de gênero, sexual e racial. Para compor a metodologia crítico reflexiva utilizaremos os referenciais teóricos de Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Angela Davis e outra/os teóricas/os negras/os. Este trabalho destaca então as questões de identidade, relações de poder, silenciamento, infanticídio, racismo, solidão da mulher negra, assim como, num plano contrastivo, apresenta a luta feminista negra e a educação como instrumento de (re)existência e emancipação.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Conceição Evaristo. Maria do Rosário. Black Feminism. Black Women. Literature.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Maria do Rosário. Feminismo Negro. Mulheres Negras. Literatura.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar o conto *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, que foi publicado na coletânea de contos – **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016), de Conceição Evaristo. A partir da leitura do conto, observaremos o processo de luta e reencontro com a ancestralidade. O discurso da mulher negra protagonista da narrativa sobrevive e perpetua historicamente, configurando-se, dessa forma, em seu maior manifesto de resistência diante do silenciamento e da angústia que atravessam a constituição histórica-epistemológica do ser e torna-se mulher negra.

Por essa razão, é importante mencionar o trabalho da escritora, psicanalista e psiquiatra, Neusa Santos Souza sobre o torna-se negro no sistema social brasileiro e quais as interferências, processos psicológicos e sociais são articulados nessa reafirmação da negritude, enquanto identidade e dignidade humana sequestrada na mentalidade do negro brasileiro. De acordo com Neusa Souza, em **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** (1985), podemos compreender o percurso a ser traçado pela narradora-personagem, no conto de Conceição Evaristo, ao lidar e, ao mesmo tempo, subverter as suas vivências, através da sua historicidade, silenciamentos, subordinações, opressões, explorações e demais violências sofridas em sua escrivência. Afinal,

Ser negro é tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar

uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é torna-se negro (SOUSA, 1983, p. 77).

Através do caminho da narradora-personagem, mulher negra, a ser representado no conto, apresentaremos a estrutura deste trabalho, que está disposta da seguinte forma: no primeiro momento, abordaremos os temas do silenciamento, da construção da identidade, da contextualização histórica do rapto da ancestralidade da mulher negra no contexto sinalizado pela leitura do conto.

Já no segundo momento, através dos temas abordados no conto, faremos menção ao poema *Mater Dolorosa* (1865), de Castro Alves, para que possamos refletir sobre a questão da maternidade, dentre os conflitos e as vulnerabilidades no que diz respeito às mulheres negras. Por fim, a partir das reflexões disponíveis na interpretação do conto de Conceição Evaristo, trataremos da necessária busca pela identidade e ancestralidade da mulher negra, em que um dos instrumentos potencializadores está presente na educação libertária emancipatória.

2. RAPTO E SILENCIMENTO – EPISTEMICÍDIO, A ARMA DA BRANQUITUDE

Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora, poetisa, romancista, ensaísta, vencedora do prêmio Jabuti, em 2015, escreveu os romances **Ponciá Vivêncio** (2003) e **Becos da Memória** (2006). Além da coletânea de poemas que compõem a obra **Poemas da Recordação e Outros Movimentos** (2017) e os contos que estão dispostos nas obras: **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2011), **Olhos d'água** (2014) e **História de Leves Enganos e Parecenças** (2016). Conceição Evaristo é mulher negra, militante do movimento negro, participou do coletivo Quilombohoje e foi responsável pela publicação dos Cadernos Negros.

A obra de Conceição Evaristo reconfigura a literatura contemporânea brasileira, numa escrita moderna de autoria subversiva, abordando o protagonismo de potência representativa na luta antirracista, configurando assim, autenticidade numa das mais importantes construções de ressignificações, como dispõe no termo 'escrevivência' construído pela escritora e apresentado em sua dissertação de Mestrado: **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade** (1996), como disposto no trecho a seguir:

A literatura negra como um espaço possível de guarda, de reconstrução e revela o dessa memória toma o corpo negro e suas linguagens, danças, cantos, festas, jogos, risos e choros, com suas marcas-dores e seus emblemas m ticos na pele. Escrever inscre-*Vendo-se* cuida para que não se dê *um branco na memória*, deixando que o *corpus negro* caia no vazio da deslembração (EVARISTO, 1996, p. 100).

De acordo com Conceição Evaristo, “a escrevivência do corpo negro é realizada não só pela apresentação física desse corpo em si, de seus movimentos religiosos ou lúdicos, mas também pela construção material que esse corpo opera, que esse corpo produz” (EVARISTO, 1996, p. 98). Um manifesto histórico literário de luta emancipatória antirracista no discurso permeado pela escuta e escrita de vivências e experiências de mulheres negras, conduzindo dessa maneira, o poder à voz negra silenciada, como elucida a escritora no trecho a seguir:

Eu queria escrever histórias de mulheres, mas não deixando mais minhas parentas sucumbirem à morte. Não as deixaria se degradarem na fome e no desamparo. Passariam por tudo, mas recuperariam a vida. Queria escrever sobre as dores mais profundas dessas mulheres. Queria falar de um sofrimento e de uma carência que não significassem somente a falta do pão, de água ou de teto. Queria escrever sobre mulheres vitoriosas, insubmissas ao destino (EVARISTO, 2014, p. 32).

O conto analisado neste trabalho, *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, que se encontra no livro de contos: **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016), trata do sequestro da criança Maria do Rosário por um casal de estrangeiros, de toda a sua vida em silenciamento e trabalho e da sua ressignificação através da educação libertária. Esse conto está na coletânea de treze narrativas interpretadas por protagonistas mulheres negras em circunstâncias adversas de superação e reconstrução identitária.

O enredo apresenta as mediações de representação, em que o narrador ao aproximar do discurso da personagem, afasta-se e protagoniza o discurso de rompimento do silenciamento ao dar voz ao discurso direto da personagem. Silêncio que foi imposto à personagem negra é estilhaçado na narrativa pela ação da mediação narrativa na obra de Conceição Evaristo. Para tratarmos do silenciamento da mulher negra, faz relevante a reflexão crítica da construção imagética e simbólica no conto da “máscara do silenciamento”. A “máscara do silenciamento” é analisada e apresentada por Grada Kilomba, em **Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano** (2019), [...] ESCREVER CAPÍTULO E FALAR UM POUCO SOBRE em que apresenta o discurso sobre o silenciamento com base na figura escravizada de Anastácia:

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função

era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era o lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das-/os chamadas/os os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33).

Através do discurso o conto estiliza a “máscara do silenciamento”, do medo e do colonialismo. O conto inicia-se por uma conversa que demarca a presença da oralidade na composição da obra. O conteúdo estético que se faz presente na descrição da nomeação da protagonista como em: “quem a nomeou?” e “por quê?”, já se faz anunciada no trecho inicial: “e me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por ‘Santos’ generalizados e não identificáveis” (EVARISTO, 2016, p. 43). É relevante atentarmos para os termos: “generalizados” e “não identificáveis” que dispostos na obra, produz um efeito de atenuar as pistas sobre de que se trata o discurso da obra, em sua justificativa existencial, pois através das palavras, enxergamos os termos representativos que dão potência ideológica, social e histórica ao processo de composição do texto.

A narrativa aponta a necessidade em compreender as relações de poder em torno da criação e resgate de identidade em sua construção coletiva, do pertencimento, deixar de ser generalizado e não identificado. Se faz necessária a construção daquilo que nos une, enquanto dor subvertida em força, em criação de formas de organização social. Bem como trata Audre Lorde em, **Sou sua irmã: escritos reunidos** (2020) sobre o sofrimento do desenraizamento de um povo “hifenizado” e as impossibilidades de conexões entre os povos afro-americanos, afro-asiáticos, afro-europeus. Para Audre Lorde, é possível o resgate da consciência de nós mesmo através da nossa africanidade e do poder de criação na união das diferenças no ataque e alterações das bases de poder e privilégio do mundo atual.

Ainda segundo Audre Lorde (2020),

Não devemos jamais esquecê-las: não podemos separar nossas opressões, ainda que elas não sejam as mesmas. Nenhum de nós será livre até que todos sejamos livres; e qualquer movimentos por dignidade e liberdade também é um movimento por nossas comunidades, pelos irmãos e pelas irmãs, quer eles reconheçam isso, quer não. Entre nós, a diferença não deve ser usada para nos separar, e sim para criar energia para a mudança social ao mesmo tempo que preservamos nossa individualidade. E, embora tenhamos sido programados para olhar uns aos outros com medo e desconfiança (a velha tática de ‘dividir para conquistas’), podemos superar esse medo aprendendo a respeitar nossas visões do futuro mais do que terrores do passado (LORDE, 2020, p. 52).

O posicionamento do desejo de uma anunciada coragem para um retorno, não só do percurso concreto feito pela personagem, mas também, subjetivamente, o

retorno a sua consciência de reconhecimento de si mesma. A narradora-personagem supera os terrores do passado e aprendem a respeitar e ressignificar os movimentos do presente-futuro. Sobre os obstáculos que se concretizam no percurso de construção identitária, Kabengele Munanga, em **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra** (2000), elucida, no que diz respeito a tomada de consciência e reconhecimento político diante das forças contrárias de dominação branca em detrimento do caminho que necessita ser atravessado, ou seja,

a partir da tomada de consciência da exclusão fundamentada na discriminação racial (raça aqui entendida no sentido sociológico e político-ideológico) construir uma identidade negra mobilizadora, pelo fato de todos serem, apesar de oferecerem identidades regionais diferentes, coletivamente submetidas à dominação do segmento branco e constituírem o segmento social mais subalternizado da sociedade. Uma tal identidade, embora passe pela aceitação da negritude e das particularidades culturais negras, tem um conteúdo político e não cultural, pois alguns negros não vivem as peculiaridades culturais e religiosas do seu grupo histórico e não deixam de participar das identidades dominantes (MUNANGA, 2000, p. 32-33).

A construção da identidade negra, atravessa, sobretudo, o processo das práticas discursivas numa intrínseca complexidade de conexões que trespassam as práticas reguladoras da cadeia hierarquizada dominante branca. Portanto, acolhendo ao discurso narrativo como ferramenta legitimadora existencial negra. Com isso, o início do retorno apresentado no conto, começa quando a personagem ao contar o seu passado, as suas memórias, tece uma rica construção de autorreflexão de si mesma, expondo discursivamente como a sua trajetória de vida se deu diante aos acontecimentos, como observaremos no trecho a seguir:

Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena. Minha mãe, eu e mais dois irmãos, um pouco maiores estávamos sentados do lado de fora da casa em que morávamos. [...] Do lado de fora da casa, nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada para fazer, a não ser conversar os assuntos costumeiros, quando apontou lá na estrada um jipe. [...] Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada. Foi permitido. [...] Na última, só faltava eu e um dos meus irmãos, o maior, o Toninho. Subimos contentes e o carro, aos poucos, foi ganhando distância, distância, distância... Aflitos e temerosos, pois começava a escurecer, pedimos ao moço e à moça para fazer o caminho de volta. Eles apenas sorriram e continuaram adiante (EVARISTO, 2016, p. 44-45).

Nesse momento, estamos diante do relato de um sequestro. A imagem que se constrói é a da menina negra raptada com o irmão por um casal estrangeiro num jipe. A recordação construída pelo instante em que a nossa narradora-personagem foi levada de si, é também o momento em que somos levados e arrebatados de súbito ao efeito narrativo da mudança de destino.

O destino da personagem sofre uma abrupta e violenta mudança. Tudo lhe é roubado, sequestrado e violentado. Os anúncios apresentados nos trechos demonstram a realidade na forma de compor a crueldade dissipada nesse instante na narrativa: “depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante” (EVARISTO, 2016, p. 45-46). A história de seu irmão termina nessa cena. A partir desse momento do sequestro e abandono dos seus iniciam-se as lacunas jamais preenchidas na vida da personagem.

Quando a narrativa sofre essa quebra, a representação do efeito mimético realiza-se de forma mediada entre a narradora-personagem e a narratária. Assim, como é difícil para a protagonista entender o que está acontecendo, para o leitor, efeito igual se apresenta: “e foi preciso que passassem muitos dias e muitas noites de viagem nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais” (EVARISTO, 2016, p. 46).

O rapto configura-se em momento histórico e conduz a narrativa para um espaço ideológico, político, social, de grande relevância para a tomada de consciência crítica, do ponto de vista do receptor, como observamos diante do trecho: “e, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava” (EVARISTO, 2016, p. 46). A força histórica, diante desse momento, transforma o jipe em navio negreiro, e o casal em algozes, colonizadores, escravocratas, exploradores.

O rapto, apresentado no conto, traz à tona marcas de uma história escravocrata ainda não superada na mente, na realidade estruturante, institucional e nos efeitos do racismo. Ratificando assim, todas as nuances históricas escravocratas dissimuladas e disseminadas nas veias expostas do racismo estrutural da contemporaneidade. E no que diz respeito a interpretação da mulher negra nas obras literárias brasileiras, a escritora Conceição Evaristo elucida sobre as marcas históricas presentes e a composição de estereótipos de negritude:

pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são

encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52).

No conto, chegamos a essa nítida imagem histórica, porque somos guiados e mediados pela personagem-narradora. A partir da configuração histórica anunciada, podemos vislumbrar toda uma remodelação da estrutura social em torno da máquina de exploração capitalista sob a mulher negra nas relações de poder diante da sua força de trabalho desvalorizada, silenciada e desumanizada. A condição social da mulher negra é analisada de forma crítica-reflexiva por filósofa, escritora e ativista antirracista do Movimento Negro Brasileiro e fundadora do *Geledés* – Instituto da Mulher Negra, Aparecida Sueli Carneiro. A filósofa aponta no texto (entrevista), *Trajetória intelectual e formação política: entrevista à revista da boitempo*, (2016) o seguinte trecho:

no fim da década de 1980, eu postulava que a busca da afirmação política da mulher negra decorria da insuficiência com que a questão da mulher negra era tratada tanto no movimento feminista branco quanto no movimento negro e também do fato de que, malgrado a solidariedade de algumas feministas e militantes negras, a conjugação de racismo e sexismo sobre a mulher negra resulta, na prática social, no fato de que as conquistas dos movimentos de mulheres acabam privilegiando socialmente as mulheres brancas e de que as conquistas dos movimentos negros tendem a privilegiar os homens negros, mantendo-se para a mulher negra o confinamento nos piores lugares da hierarquia social. Assim posto, considerava que a necessidade existencial e política que impulsionava o esforço organizativo das mulheres negras evidenciava os limites da ação política desses dois movimentos sociais que são suas matrizes geradoras. Ou seja, a configuração da mulher negra como uma nova força política significava também a afirmação de uma crítica política a esses dois movimentos (CARNEIRO, 2016, p. 103-104).

Dessa forma, podemos notar que a exploração e opressão da mulher negra enquanto subordinada pela consciência ideológica cisheteropatriarcal do homem branco, da mulher branca e do homem negro, podem produzir violentas marcas de silenciamento e subordinação da mulher negra. Essa construção também é representada no conto e, principalmente, após o sequestro da personagem Maria do Rosário. A vida da personagem foi se moldando através de abusos, opressões e silêncios que preenchiam toda a sua existência, pois a narradora-personagem nos relata que: “eles nunca me bateram, mas me tratavam como se eu não existisse. Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de ‘menina’” (EVARISTO, 2016, p. 47), além do apagamento que iria se instaurando em pequenas-grandes ações:

Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente (EVARISTO, 2016, p. 47).

O apagamento das memórias na construção do silenciamento imperioso em sua vida é de grande relevância na obra, como podemos ressaltar no trecho: “tendo, com o passar dos anos, aprendido a controlar as minhas emoções, fiz, contudo, silêncio” (EVARISTO, 2016, p. 49). A personagem, durante a linha de formação de sua vida, sofreu o aprendizado do opressor que a silenciou. Com isso, outro movimento se faz na composição narrativa, assim como na vida da personagem, o movimento, não mais de retorno, mas o de sobrevivência apenas, como apresenta o trecho a seguir:

Mas, com o passar do tempo, com desespero, eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades... (EVARISTO, 2016, p. 47-48).

Um passado apagado brutalmente, uma história costurada e remendada com esforço da busca pelas suas raízes e vínculos afetivos. A mulher negra, no conto, necessita da representatividade e da voz roubada para acolher-se em suas raízes, retomar o seu caminho, cada vez mais confuso e inconstante numa progressão de solidão e abandono. A personagem explicita a situação da solidão da mulher negra no conto, a solidão estrutural, complexa e extremamente desumanizadora, assim como menciona Ana Cláudia Pacheco, em **Mulher negra: afetividade e solidão** (2013):

O abandono, a solidão entre as mulheres negras seria fruto dessa tensão social que as associa ao sexo, às relações transitórias, ao ‘amor físico’, afastando-as dos projetos de vida ‘conjugal’ e do amor ‘verdadeiro’. Segundo Fernandes (1978, p. 207): “A solidão, a penúria e a humilhação marcavam o caminho seguido pela mulher que tivesse a coragem indomável de ficar com o ‘fruto de suas fraquezas’ e de lutar pela sua sobrevivência” (apud PACHECO, 2013, p. 79).

Sobre a solidão da mulher negra, no conto, demonstra-se a forma naturalizada da solidão imposta a protagonista desde a infância, como aponta o trecho:

Cresci sozinha. Das coisas de mulheres, o sangue que perdemos, quando me aconteceu pela primeira vez, da moça que me ensinou a leitura também tive a explicação. – Você agora é uma mulher! – Não entendi. Eu achava que eu já era mulher desde sempre. Tudo se confundiu naquela época, junto ao sangue que me escorria (EVARISTO, 2016, p. 48).

Percorrendo a narrativa, o casal de sequestradores ao roubar a personagem de sua família, configura uma quebra no percurso narrativo. Ao deslocar novamente a personagem em seu destino, a narrativa, mais uma vez, sofre uma quebra. Esse ‘novo lugar’, é também conduzido por uma outra mulher branca, que fazia parte da família do casal de sequestradores. Agora, a personagem é mediada em suas relações como se fosse um objeto domesticado de força de trabalho. De acordo com Luiza Bairros, em **Mulher negra e o feminismo** (2008), a dominação da mulher negra também se apresenta através da força de trabalho que se destina às mulheres negras, como elucida no trecho a seguir:

Fala-se da necessidade da mulher trabalhar fora de casa como forma de facilitar o seu processo de libertação; por outro lado, historicamente, a mulher negra sempre esteve associada ao trabalho para sua sobrevivência e a sobrevivência do grupo familiar. Fala-se da escravidão das tarefas domésticas que fecham a mulher em geral num mundo estreito, mas a mulher negra, sem maior motivo de espanto por parte de quem elabora esses discursos, é a empregada doméstica, desrespeitada e mal remunerada por excelência. (BAIRROS, 2008, p. 141).

Essa relação do trabalho doméstico, como forma de apropriação da força de trabalho da mulher negra engloba, como aponta Kimberle Crenshaw, em **Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero** (2004), um certo tipo de discriminação estrutural que deforma as relações de poder da mulher negra na sociedade, como apresenta no trecho a seguir:

Em decorrência da sua boa condição socioeconômica, algumas mulheres conseguem contratar a mão-de-obra de outras mulheres para assumirem esses serviços de cuidados. As contratadas, em geral, são mulheres economicamente marginalizadas, que, por essa razão, são também socialmente marginalizadas, situadas na base da pirâmide socioeconômica. Essas mulheres acabam trabalhando de 18 a 20 horas por dia, cuidando primeiramente de suas famílias e, depois, das famílias e necessidades das patroas. É isso que eu chamo de subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça. (CRENSHAW, 2004, p. 13-14).

Além da associação ao trabalho doméstico, a personagem, no conto, também sofre constante violências psicológicas – que impõe o medo e o terror, sentimentos que se instauraram em sua vida desde a infância. Notamos os detalhes narrados pela própria personagem ao mencionar sentir-se constantemente vigiada:

Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles (EVARISTO, 2016, p. 50-51).

A vontade de retorno torna-se potência de necessidade. A trajetória de busca anunciada pela personagem para Flor de Mim, começa a se configurar, mesmo que de maneira apenas concretizada em seus pensamentos e angustias. Maria anseia em voltar para Flor de Mim. Voltar para si. O nome da cidade é uma ferramenta narrativa de potência para elucidar o percurso necessário e importante para a protagonista.

3. MATERNIDADE E INFANTICÍDIO – MATER DOLOROSA

A personagem Maria, com o passar dos anos, conquistou certa autonomia, namorou, casou, descasou, nunca teve filhos, talvez pelo medo de serem roubados por outros. Medo que Maria sentia de sua própria história se repetir. Maria tinha medo que seus filhos refizessem o seu destino. A personagem expõe a questão da maternidade através do trauma e do medo da seguinte forma: “filhos nunca tive, evitei e, as vezes em que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus” (EVARISTO, 2016, p. 51).

Pelo pensamento da recusa de ter filhos, pelos abortos sofridos pela personagem, faremos menção ao poema de Castro Alves que dialoga com a dor de Maria, e de outras mulheres negras que tiveram a maternidade interrompida pelo contexto histórico hostil à vida humana negra. Em que ambas as personagens: Maria do Rosário, do conto de Conceição Evaristo e a personagem (eu-lírica) do poema de Castro Alves, compartilham o mesmo sentimento. Já que ambas personagens recorrem a única possível liberdade para seus descendentes, a morte. Uma maneira cruel e sofrida colocada a essas mulheres negras. A seguir o poema de Castro Alves:

Mater Dolorosa

Meu filho, dorme, dorme o sono eterno

No berço imenso, que se chama — o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
 As asas de ouro vais além abrir.
 Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
 Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte
 Nas folhas secas do sombrio chão!...
 Folha dest'alma como dar-te à sorte?...
 É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo
 Bebi a força de matar-te... a mim...
 Viva eu cativa a soluçar num ermo...
 Filho, sê livre... Sou feliz assim...

— Ave — te espera da lufada o açoite,
 — Estrela — guia-te uma luz falaz.
 — Aurora minha — só te aguarda a noite,
 — Pobre inocente — já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
 Deus me perdoa... me perdoa já.
 A fera enchente quebraria o vime...
 Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno
 No berço imenso, que se chama o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu.

(Castro Alves. Recife, 7 de junho de 1865)

O poema de Castro Alves (1865), defronte ao conto, tendo em vista uma abordagem contemporânea, apresenta o distanciamento cronológico de quase um século, mas essa distância ocorre só na perspectiva cronológica. Castro Alves em seu poema, nos faz alcançar a dor maternal. A mãe almeja a liberdade de seu filho, mesmo que essa liberdade seja a morte. O tema do infanticídio é complexo, e conduz uma luta histórica da mulher pela apropriação do seu corpo, pela apropriação do seu sistema de reprodução, em oposição política ao controle do Estado sobre os corpos das mulheres.

Esse tema se torna ainda mais complexo quando diz respeito às mulheres negras, pois, diante do contexto histórico brasileiro, a realidade racionalizada do passado escravagista revela que a morte é apresentada para os povos escravizados com outra função, com a possibilidade de proteção e liberdade em não repetir a dor

das diferentes formas de escravização. Ainda de acordo com a questão do infanticídio, Angela Davis, em **Mulheres, raça e classe** (2016), apresenta:

por que os abortos auto induzidos e os atos relutantes de infanticídio eram ocorrências tão comuns durante a escravidão? Não era porque as mulheres negras haviam descoberto soluções para suas agonias, e sim porque elas estavam desesperadas. Abortos e infanticídios eram atos de desespero, motivados não pelo processo biológico do nascimento, mas pelas condições opressoras da escravidão. A maioria dessas mulheres, sem dúvida, teria expressado seu ressentimento mais profundo caso alguém saudasse seus abortos como um passo rumo à liberdade (DAVIS, 2016, p. 408).

A narradora-personagem negra Maria do Rosário, do conto, e a eu-lírica escravizada negra, do poema, recorrem aos atos de morte dos seus, motivados pelas condições opressoras e violentas da escravidão. A narradora-personagem Maria sofre o trauma e anula a possibilidade maternal por “medo de perder os seus”, ter seus filhos roubados, assim como fora roubada de sua família, assim como foi separada de seu irmão.

Maria tinha medo do destino repetir seu sofrimento, assim como a eu-lírica, em Castro Alves, sente medo pelo filho que não terá liberdade e sofrerá toda a dor e flagelo da escravidão, como dispostos nos trechos: “meu filho, tu deves morrer”, “Filho, sê livre...”, “— Ave — te espera da lufada o açoite”, “— Pobre inocente — já maldito estás”, “Perdão, meu filho... se matar-te é crime... Deus me perdoa...”.

Configura-se a imagem da representação do efeito trágico da dor da mãe com o destino hostil de vida dos seus. O seu filho por ser negro, tanto no conto, quanto no poema, está impossibilitado de existir na sociedade racista branca genocida. Seu filho, ‘inocente’, ‘já maldito estás’, e sofrerá as dores da escravidão, do flagelo ao tormento de um passado marcado e não superado no processo histórico.

4. EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO LIBERTÁRIO

No conto, Maria do Rosário e a sua história sobrevivem a partir do discurso. A narração exige da personagem coragem, e ela é o reflexo de sua luta para juntar-se ‘aos seus’ como no trecho: “aos poucos, eu iria cumprindo um percurso que me encaminhava à direção de volta. Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma, trinta e cinco anos depois. Foi então que voltei para minha cidade, Flor de Mim, e aqui estou há vinte anos” (EVARISTO, 2016, p. 52). Nesse trecho notamos as misturas do passado e do presente da narradora-personagem Maria do Rosário.

Porém, a condução da personagem é resultado de uma incessante busca de si. A personagem não regressa apenas a sua cidade natal, mas a sua ancestralidade, a sua descendência, à união com os seus, o seu povo. A personagem apropria-se de

si, retoma-se. A narradora-personagem Maria do Rosário, mesmo depois das mais diversas situações de silenciamento, abandono, domínio, domesticação, castração e outros diversos abusos, faz ressoar a sua voz ao contar a sua história, findando no retorno a Flor de Mim, como apresentado nos trechos finais do conto:

A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificada. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio pelo casal que tinha me roubado de casa. Além do constante retorno a essa dor, eu estava vivendo o final do meu segundo casamento. Só um motivo me mantinha viva: os meus estudos. E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação a partir de um ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas”. Quando soube do evento que ia acontecer, adoeci, perdendo os primeiros dias da jornada. Só no último dia consegui levantar da cama, mesmo assim, tomada por uma sensação de desfalecimento e febre. Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus. Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo que ouvia. Parecia que estavam contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas. Eu não estava suportando mais, o ar me faltava, tinha a sensação de que ia morrer. Foi então que resolvi sair da sala, mas, quando levantei, ouvi uma voz que me pareceu familiar. De chofre, reconheci. Era o tom da voz de minha mãe, a síntese de todos os sons de uma curta infância junto aos meus. Ri da minha perturbação. O que estaria a minha mãe fazendo ali no colégio? Mais resoluta fiquei na minha determinação de sair. Precisava ir embora. Eu estava fazendo uma brincadeira de mau gosto comigo mesma? E me pus de pé. Lá na frente, o corpo que imitava a voz de minha mãe acintosamente contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada, ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. Não consegui sair e, entretanto, não fiquei. Não me assentei também, apesar dos pedidos. Depois, eu soube que soavam à minha volta. Fui ajuntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo... Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão. Não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim,

apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre (EVARISTO, 2016, p. 52-54).

O retorno é feito. A história da personagem é fechada nesse ciclo de ida e volta, porém, não um ciclo determinista e sim cheio de historicidade. Um ciclo que demanda a necessidade de retorno. Um ciclo que para seguir, para enfrentar, para humanizar-se, o retorno se faz necessário. O retorno de potência instaurado neste trabalho, pode ser compreendido pelo antagonismo da analogia construída por Antonio Candido para tratar da obra **Vidas Secas** (1938), de Graciliano Ramos.

A imagem construída por Antonio Candido, em **Ficção e Confissão** (2006), apresenta “este encontro do fim com o começo, como já foi observado, forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes agregados, mostrando a poderosa visão social de Graciliano Ramos” (CANDIDO, 2006, p. 151). No entanto, no conto, a narradora-personagem Maria do Rosário faz esse encontro do fim com o começo, porém esse resgate serve para criar uma nova dimensão de ciclo. Não o círculo sem saída, mas o da superação dos conflitos e das contradições, que só se apresentam através das experiências das ações que a compõem.

Outro ponto que vale ressaltar, trata-se da educação. A educação no conto apresenta um ponto de vista associado à liberdade. O fator libertário, no conto, é por meio da educação, como ressalta a narradora “só um motivo me mantinha viva: os meus estudos” (EVARISTO, 2016, p. 52), legitimando dessa forma a força libertária do ensino, da aprendizagem, no instrui-se para além da educação formal, escolarizada. Assim, agindo posição extremamente emancipatória em oposição ao aprisionamento também relatado pela narradora-personagem.

Para dar conta do fator educacional e guiar no processo pedagógico emancipatório no que diz respeito ao Movimento Negro no Brasil, citamos Nilma Lino Gomes, em **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação** (2017). Nilma Lino apresenta as tensões, conflitos e meios para construirmos de forma reflexiva e crítica uma pedagogia da diversidade e por finalidade, emancipatória. Essa metodologia educacional dos saberes e dos processos de ensino demonstra destaque na construção identitária e libertária do povo negro, como demonstra o trecho a seguir:

O processo de emancipação e superação sociorracial nos desafia a construir uma *pedagogia da diversidade* (de raça, de gênero, de idade, de culturas). Esta é fruto da ação dos movimentos sociais desde os anos de 1950 e 1960 como o movimento de educação popular e a participação de Paulo Freire. No caso específico da comunidade negra, podemos dizer que a *pedagogia da diversidade* faz parte da história de luta dos negros e negras brasileiros e se adensa no início do século XX, fruto das organizações negras e suas alternativas de educação formal e não formal para a comunidade negra. Ela assume uma radicalidade maior no terceiro milênio com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas, a demanda por ações afirmativas no Ensino Superior, a

implementação de cotas raciais e as políticas de promoção da igualdade racial. A *pedagogia da diversidade* pode ser considerada como produto da luta contra-hegemônica no campo educacional e está no cerne do processo de emancipação social na educação (GOMES, 2017, p. 134-135).

A respeito da importância da pedagogia da diversidade no processo emancipatório do povo negro apresentada no texto de Nilma Limo, concluímos que:

é no contexto da *pedagogia da diversidade* que o estudo dos saberes emancipatórios construídos, sistematizados e articulados pelo Movimento Negro pode ser contemplado. Esse estudo nos dá elementos para conhecer e destacar outras racionalidades que produzem outros conhecimentos construídos através de uma vinculação estreita entre a razão, os sentimentos, o desejo, os conflitos, as vivências, as lutas e as práticas sociais e o ato de aprender. Na pedagogia da diversidade, a educação é vista como prática de liberdade, como um ato de amor, um ato político e, por isso, um ato de coragem (FREIRE, 1999) (GOMES, 2017, p. 136).

Ao apresentar a educação como forma de integrar-se à sociedade. O relato oral disposto na estética narrativa do conto, também demonstra o exercício de alteridade, de integração e transcendência libertária ao legitimar a história da narradora-personagem Maria do Rosário. Afinal, como aponta Franz Fanon, em **Pele negra, máscaras brancas** (2008), “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). A composição do efeito narrativo no discurso oral, representado no conto de Conceição Evaristo, demonstra a força motriz existente na representação dos traços compostos pela memória individual e social, como aponta Conceição Evaristo no seguinte trecho:

A memória individual é antes de tudo uma memória social. O testemunho de memória social vem de certa forma completar a memória individual. E é pela linguagem, que é um dado social, que o processo de interação memória individual e social se completam. A literatura negra traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que se torna o esteio onde se configura a formação de uma identidade particular e coletiva, que situa o indivíduo dentro de um espaço; e vai-lhe proporcionar um conhecimento de um sistema simbólico, o que lhe possibilita uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo que escapa a uma medição cronológica, por se tratar de um tempo mítico (EVARISTO, 1996, p. 105).

O retorno identitário é força social histórica, é resistência epistemológica, em que a escritora Conceição Evaristo nos apresenta no conto, assim como também é um – *manifesto negro literário*. A máscara é estilhaçada pela força do discurso da narradora-personagem Maria do Rosário, que faz a negociação entre quem fala e quem escuta ao contar a sua história, a sua escrevivência. De acordo com Grada Kilomba (2019), assim se produz o pertencimento no ato da negociação daquele que pode falar. A fala pode reproduzir ferramentas de luta, ressignificação, pertencimento e poder. Com isso, o ato da escrita pode transformar a maneira de lidar com a ancestralidade no vigor de um futuro representado historicamente.

A escravização e o colonialismo podem ser vistos como coisas do passado, mas estão intimamente ligados ao presente. Em *Ghosts of Slavery*, Jenny Sharpe (2003) enfatiza a relação entre o passado e o presente, um presente assombrado pelo passado invasivo da escravização. Ela se refere à escravização como uma “história assombrada” que continua a perturbar a vida atual das pessoas *negras*. Seu objetivo, diz ela, é ressuscitar a vida das/os ancestrais, elevando a memória dolorosa da escravização e contando-a corretamente. Esta é uma associação fascinante: nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente (KILOMBA, 2019, 223-224).

No conto, a luta pelo pertencimento é constante e de certo modo, triunfante. A narradora-personagem, assombrada pela memória dolorosa da escravização em seu presente, conta a sua história, eleva a sua vivência, assim como os elos do passado para que possa libertá-la e enterrada adequadamente. E nesse importante processo de representatividade discursiva é importante elucidar os embasamentos teóricos do pensamento crítico libertário, como nos aponta Lélia Gonzalez no artigo: **A categoria político-cultural de amefricanidade** (1988), quando diz que “quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, ‘cativos de uma linguagem racista?’” (GONZALEZ, 1988, p. 76). A narradora-personagem utiliza-se das ferramentas discursivas da linguagem que lhe aprisionou, para que subverta a sua realidade enquanto mulher negra. Subversão de dor em força emancipatória, que ocorre na mediação da educação.

Sobre a educação como ressignificação libertária, de acordo com bell hooks, em **Ensinando a transgredir** (2013), podemos apresentar reflexões importantes sobre o feminismo negro e a questão da pedagogia, no que mobiliza as ações sociais pela crítica da prática do ensino e do discurso pode ser emancipador. A sala de aula feminista era o único espaço onde os alunos podiam levantar questões críticas sobre os processos pedagógicos. Essas críticas nem sempre eram estimuladas ou bem recebidas, mas eram permitidas.

Essa mínima aceitação do questionamento crítico era um desafio crucial que nos convidava, como alunos, a pensar seriamente sobre a pedagogia em sua relação com a prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 16). E além do espaço de ensino e aprendizagem, é interessante observarmos a ampliação das possíveis conexões e intersecções dos feminismos nos espaços diaspóricos para legitimar um olhar realista da forma diversa, verticalizada, democrática e humana, em que se encontram as mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo a análise do conto Maria do Rosário da Imaculada dos Santos (2016), da escritora Conceição Evaristo. E na construção dessa análise crítica reflexiva apontamos as questões que puderam ser captadas pela obra literária. O conto apresenta temas sociais, políticos, históricos que relacionam a construção narrativa de reconhecimento e pertencimento. Através da narração, abordamos os temas: silenciamento, sequestro da construção identitária, abusos e as demais violências que decorrem do racismo e do sexismo, estruturalmente marcados na construção histórica, social e política. Essas marcas estruturais racistas ainda não foram superadas e estão visíveis na identidade do povo brasileiro. Marcas que ainda ressurgem e ecoam no presente. Por isso, a necessidade de narrativas de mulheres negras é necessária, pois, através da luta antirracista, antissexista e a denúncia contra as formas de operar do patriarcado. Assim, seja possível vislumbrar coletivamente uma sociedade humana, potencializando a voz silenciada da mulher negra, que luta para manter suas raízes e ancestralidade em sua, também, história sequestrada. É preciso dar força às novas interpretações, aos discursos silenciados, aos novos caminhos e novos processos de enxergar, ler, interpretar e modificar a realidade.

“Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.”

Referências

ALVES, Castro. **Mater Dolorosa**. 7 de junho de 1865.

BAIROS, Luiza. Mulher Negra e o Feminismo. In: COSTA, Ana; SARDENBERG, Cecília. (org.). **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / NEIM, 2008. p. 139-145.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**. Rio de Janeiro. 2006.

CARNEIRO, Sueli. Trajetória intelectual e formação política: entrevista à revista da boitempo. In.: KOLLONTAI, Aleksandra [et al.]. **Introdução ao pensamento**

feminista negro / Por um feminismo para os 99%. 1.ed. São Paulo: Boitempo, e-book, 2021.

CRENSHAW, Kimberle. **Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Cruzamento: raça e gênero. Brasília:Unifem, 2004, p. 7-16.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Maria do Rosário Imaculada dos Santos. In: **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares. Brasília, ano 1, n. 1. 2005, p. 52-57.

_____. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar minha escrevivência. In: **Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos**. DUARTE, Constância Lima et al. (org.). Florianópolis: Editora Mulheres, 2014. p. 25-33.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. 141p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro (92/93), jan./jun. 1988. p. 69-82.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**. Trad. Marcelo Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã: escritos reunidos**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petropolis: Vozes, 2000.

PACHECO, Ana. **Mulher Negra: afetividade e solidão**. Coleção Temas Afro. EDUFBA, Salvador, 2013.

SOUSA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Para citar este artigo

ANDRADE, C. N. de. Escrivência e o resgate da voz ancestral em Maria do Rosário Imaculada dos Santos, de Conceição Evaristo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 6, 2021, p. 131-150.

A autora

CAROLINE NERES DE ANDRADE é doutoranda em Poéticas e Políticas do Texto pela Universidade de Brasília, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais; Mestre em Crítica Literária Dialética no Programa de Pós-graduação em Literatura pela Universidade de Brasília, possui Licenciatura e Bacharelado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília, Licenciatura em Letras - Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília e Licenciatura em Letras - Português do Brasil Como Segunda Língua pela Universidade de Brasília. Possui experiência na área de Letras: Literatura e Linguística (Ensino de Português como Segunda Língua). Com ênfase em Literatura, Crítica Literária Dialética, Literatura Sociais Feministas e Interseccionalidade. Participou do grupo de pesquisa: Literatura, Feminismos e Revolução, cadastrado no DGP/CNPq. Também participou do grupo de pesquisa: Literatura, Corpo e Práticas Sociais. E participa do grupo de pesquisa: Literatura Brasileira de autoria de Mulheres, com especial atenção à autoria de Mulheres Negras: histórias, leituras e ensino.